

Pecado original

Para uma população tão escassa, a Irlanda tem uma riqueza surpreendente de dramaturgos de gabarito internacional. Resume-se tudo a violência e culpa católica?

Connor McPherson

(*The Guardian*, Quarta-feira, 7 de Fevereiro de 2001)

Joe Penhall é um dos maiores escritores da actualidade. Por isso, quando recentemente me convidaram para encenar na Irlanda uma leitura da sua peça, senti-me privilegiado e fiquei, simultaneamente, assustado. O Joe costumava aparecer para assistir aos ensaios e assistiu à leitura. Depois, disse-me que era a primeira vez desde há muito tempo em que de facto ouvia a peça. Usámos actores irlandeses e ingleses, mas o sentido do nosso espectáculo parecia muito diferente do sentido do de Londres. Naturalmente, fiquei contente por ter chegado a bom porto, mas também estava intrigado com as diferenças culturais que fizeram com que o espectáculo na Irlanda fosse tão diferente. O Joe parecia impressionado com a capacidade que os actores tinham de escavar as profundezas da peça, que é sobre um jovem negro detido num hospital psiquiátrico britânico. As suas interpretações eram pessoais e pertenciam-lhes inteiramente. Confiavam no que estavam a fazer e a confiança que demonstravam dava-lhes liberdade para exprimir o que muitas pessoas sentem fundamentalmente: solidão, necessidade de ser amado e necessidade de ser protegido.

Eram estas as coisas que eu achava importantes na peça. Não sou inglês, nasci em Dublin, por isso o colapso do NHS [Serviço Nacional de Saúde inglês] não é tão importante para mim como é para as pessoas doentes no Reino Unido. E comecei a pensar naquilo que faz com que as peças irlandesas sejam tão diferentes das inglesas.

Num local tão densamente povoado como Londres, o espaço é precioso. As pessoas enlatadas no metro, peito contra peito, fazem de conta que não estão ali. Mas se alguém for a caminhar ao longo de uma margem deserta e vir à distância uma figura, à medida que ela se aproximar é provável que não a ignore. Um aceno ou um olá.

A Irlanda tem menor população. É fácil evitar as outras pessoas. As peças irlandesas tendem a explorar os mecanismos interiores do ser humano, o que é estar-se vivo e a dificuldade que temos em comunicar o que sentimos. As peças inglesas inclinam-se mais para o jornalismo: “Olhem para o estado do NHS/o socialismo britânico/o que a Thatcher fez/as drogas na juventude/Sida/lutas pelo poder dentro de casa/a polícia/o meu apartamento/Londres, etc.”

E comecei a pensar em por que é que um país tão pequeno como a Irlanda produziu grandes dramaturgos em maior quantidade do que tantos outros países com maior população. É extraordinário. Há menos de 4 milhões de pessoas na República da Irlanda. Mas no século passado o país produziu Synge, O’Casey, Shaw, Wilde, Joyce, Beckett, Friel, Tom Murphy, Billy Roche, Sebastian Barry, só para dizer alguns. As suas peças moldaram a forma como as pessoas pensam e são representadas por todo o mundo. O que motiva a desproporção?

Embora alguns dos autores mencionados sejam Protestantes, acho que está relacionada com o crescimento no seio de uma cultura predominantemente Católica.

Quando fui para a escola, aos quatro anos, fui educado na crença de que era uma pessoa má. Disseram-me que tinha muita sorte se Deus me perdoasse. Todas as semanas era obrigado a confessar-me a um padre. Até aos nove anos, os castigos físicos eram legais. Cresci numa zona operária e os professores que nos ensinavam a doutrina religiosa eram os mesmos que nos atacavam fisicamente.

Enquanto criança, habituei-me a que um qualquer adulto me batesse todos os dias. Uns dias com as mãos, outros com paus. Recordo-me da exaustão na cara de um professor depois de ter alinhado toda a turma e batido a cada aluno por estarmos a conversar quando ele se ausentou da sala. Eu tinha oito anos nessa altura.

Se este constante reforço da maldade e da culpa acontece numa idade tão vulnerável, parece-me inevitável que alguém se ponha a pensar sobre a qualidade do seu carácter. Serei boa pessoa? E isso faz com se pense no carácter em geral. Em personagens.

A tradição dos contadores de histórias ainda é muito forte na Irlanda. As histórias permitem que o ouvinte viva experiências virtualmente, sem ter de se confrontar com as consequências. Uma pessoa identifica-se com a personagem: “E se eu fizesse aquilo? O que é que sentia? Como é que lidava com a situação?” E suponho que, de alguma forma, seja terapêutico. Ajuda.

E suponho que seja essa a diferença entre as peças inglesas e irlandesas. Os protestantes ouvem dizer que são livre para protestar. Por isso há muitos dramaturgos que argumentam que o seu trabalho tem validade política – Pinter, Hare, Brenton, Edgar, Wesker, etc. – enquanto que os autores irlandeses estão sobretudo um bocadinho assustados. Se há mensagem, é uma mensagem simples: “Sei que tens medo de morrer sozinho numa sarjeta. Eu também. Vamos ficar juntos”. E talvez seja por isso que as peças irlandesas gozam de uma popularidade universal. Porque todos morremos sozinhos. E disseram-nos isso desde que éramos bebés. E foi-nos inculcado à pancada.

Tradução: Constança Carvalho Homem